



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8276 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

PRÁTICAS COLETIVAS E PERCURSOS JUVENIS

Flávia Ginzel - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - FEUSP

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PRÁTICAS COLETIVAS E PERCURSOS JUVENIS

Pretende-se apresentar as análises preliminares da pesquisa de doutorado em andamento que investiga os percursos de jovens que participaram das ocupações secundaristas nos anos de 2015 e 2016, na região metropolitana de Sorocaba, interior de São Paulo.

Situada no campo de estudos da juventude na interface com a ação coletiva, a pesquisa tem como objetivo mais geral compreender a relação dos jovens que participaram das ocupações com a vida coletiva, focalizando o momento presente. Além disso, analisa como a experiência de ocupação reverberou em seus percursos de vida para além da continuidade ou não do ativismo, mas também em suas trajetórias educacionais e laborais, bem como as relações com a família, amizades e vida afetiva.

Parte-se da perspectiva de que é a sociedade contemporânea constitui - e é constituída por- indivíduos cujas experiências parecem estar cada vez mais singularizadas (Martuccelli, 2010), o que mostra a fertilidade das teorias da individuação para a compreensão dos modos de agir coletivamente dos jovens, especialmente em um momento de mutação social e crise, no qual desafios estruturais são enfrentados de maneiras distintas pelos jovens, de acordo com os diferentes suportes de que dispõem (Martuccelli, 2007).

Para esta investigação, está sendo realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, valendo-se da técnica de entrevista compreensiva (Kaufmann, 1996) para a coleta das narrativas. A escolha dessa técnica foi motivada pelo fato de articular formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de natureza mais etnográfica, possibilitando que os sujeitos relatem aquilo que julgam mais relevante de forma espontânea, ainda que haja, por parte do entrevistador, um estímulo à reflexão em relação aos temas mais gerais a serem abordados.

Para localizar os sujeitos da pesquisa, foi divulgado um questionário virtual através de redes sociais. Até o momento, foram obtidas 91 respostas, sendo convidados para as primeiras entrevistas jovens de perfis variados tanto no que se refere aos marcadores sociais da diferença (sexo, cor/raça e orientação sexual) quanto em relação à intensidade da participação nas ocupações (intensa, moderada e eventual) e localização da escola ocupada (periférica ou

central).

Por ora, foram entrevistados 14 jovens, dentre os quais: 8 mulheres e 6 homens; 7 autodeclarados brancos, 4 pardos e 3 pretos; 5 heterossexuais, 5 bissexuais, 3 homossexuais e 1 que preferiu não responder sua orientação sexual. Devido à pandemia da Covid-19, a maior parte das entrevistas foi realizada virtualmente - por chamadas de vídeo no período compreendido entre março e setembro de 2020.

A escolha da Região Metropolitana de Sorocaba (RMS) não se deu de forma arbitrária, mas devido ao fato de ter tido um número expressivo de escolas ocupadas no ano de 2015 (25 escolas) e ter tido ocupações – ainda que em menor número – no ano de 2016.

Desde a deflagração das primeiras ocupações, uma série de investigações foram realizadas com o intuito de compreender a “primavera secundarista”, tanto de caráter descritivo (Campos et al 2016), quanto aquelas com pretensões mais analíticas, como o conjunto de trabalhos agrupados nas coletâneas *O movimento das ocupações estudantis no Brasil* (2018) e *Ocupar e Resistir: movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil* (2015-2016) (2019), entre outros. Tais trabalhos foram importantes para compreender o momento das ocupações, seja através do olhar para o seu interior - observando como os jovens se organizaram, quais princípios pautaram suas ações, o que reivindicavam etc.– ou para a relação dos jovens ocupantes com a comunidade “externa” - governos, polícia, meios de comunicação etc.-. Todavia, pouco se sabe sobre os percursos dos jovens nos anos subsequentes às ocupações: como se relacionam com a política no momento presente, marcado pela consolidação do neoliberalismo (Dardot e Laval, 2016) aliado ao recrudescimento de pautas regressivas no Brasil? Quais os efeitos da participação em uma ação coletiva importante –as ocupações de escolas- em suas trajetórias, nas diferentes esferas de suas vidas?

Como se trata de uma pesquisa em andamento, estão sendo suscitados mais questionamentos do que respostas; contudo, já é possível observar, a partir de um primeiro olhar para as entrevistas realizadas até o momento, alguns desafios comuns, dentre os quais destacam-se os processos de conquista de autonomia e independência em relação à família (Singly, 2004), traduzido no desejo de “conseguir um trabalho estável”. O sentimento de incerteza suscitado pela crise econômica e política - agora acentuado pela crise sanitária global - perpassou suas narrativas, revelando aquilo que Araujo e Martuccelli (2012) denominaram como “inconsistência posicional”, definido como o medo sentido por indivíduos de diferentes inserções sociais – com exceção de uma elite muito bem consolidada – de perder a posição social recém conquistada. Como se trata de indivíduos jovens, esse medo se relaciona à incerteza de inserção e/ou continuidade no mundo do trabalho, bem como em relação à possibilidade de ingressar ou concluir o ensino superior. Ademais, questões relativas à saúde mental (como depressão e ansiedade) apareceram nos relatos dos 14 jovens entrevistados, contudo, estes dispõem de diferentes suportes para lidar com o sofrimento psíquico.

No que se refere ao ativismo, observam-se distintas maneiras de agir coletivamente: desde jovens filiados a partidos políticos, próximos daquilo que Fillieule (2001) denominou como carreiras militantes àqueles que se relacionam com a política de forma desconfiada (Martuccelli, 2015) aos que revelam profundo desencanto em relação à política.

Compreendidos como “pontas do iceberg” dos processos contemporâneos (Melucci, 1997) por sentir de forma mais aguda os processos de mutação social que atingem toda a sociedade, os jovens, ao testemunhar um momento de crise global, respondem aos desafios de formas diversas. Diante de um contexto de ampliação das desigualdades sociais, olhar como essas desigualdades são socialmente distribuídas – e as diferentes formas pelas quais os atores

se mobilizam para enfrentá-las – tem se mostrado imprescindível para a pesquisa sociológica contemporânea.

Palavras-chave: Juventude. Ação Coletiva. Ocupações Secundaristas.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Katya; MARTUCCELLI, Danilo. *Desafios comunes: retrato de la sociedad chilena y sus individuos*. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

CAMPOS, Antônia; MEDEIROS, Jonas.; RIBEIRO, Márcio. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016.

COSTA, Adriana Alves Fernandes; GROppo, Luis Antonio (Orgs). *O movimento das ocupações estudantis no Brasil*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016

DE SINGLY, FRANÇIS, La spécificité de la jeunesse dans les sociétés individualistes, *Comprendre*, n; 5, 2004, p.259-273.

FILLIEULE, Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. *Revue française de science politique*, 51(1), 201, p. 199-215.

KAUFMANN, Jean-Claude. *L'entretien compréhensif*. Paris: Nathan, 1996

MARTUCCELLI, Danilo. *Gramáticas del individuo*. Buenos Aires: Losada, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. *La société singulariste*. Paris : Armand Colin, 2010.

MARTUCCELLI, Danilo. La partecipazione con riserva: al di qua del tema della critica. *Quaderni di Teoria Sociale*, n.1, 2015. p.11-34.

MEDEIROS, Jonas; JANUÁRIO, Adriano; MELO, Rúrion. *Ocupar e resistir: Movimentos de ocupação de escolas pelo Brasil (2015-2016)*. São Paulo: 34, 2019

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, 1997. p. 5-14.